

O CAMINHO DA FICÇÃO BRASILEIRA

Gracielle Custódio APOLINÁRIO¹

Wagner LACERDA²

O livro *Ficção brasileira contemporânea* (2009), escrito por Karl Erik Schollhammer, aborda a produção da ficção no Brasil nas últimas décadas. A tentativa do autor é flagrar o que acontece nessa literatura tão nova; nas palavras do próprio autor:

A tentativa aqui será flagrar o que acontece de significativo na ficção brasileira atual, de maneira a enxergar as continuidades e, principalmente, as rupturas produzidas pelos escritores contemporâneos. (SCHOLLHAMMER, 2009, p.21).

Através da aparente heterogeneidade existente nas últimas décadas, podemos perceber diante do estudo de Schollhammer, a ocorrência de uma canonização, em certo sentido, pois se percebe em torno da narrativa urbana certa tendência realista e até a evolução para um hiper-realismo. Podemos encontrar traços subjetivos nos autores que escrevem de si e ainda uma metaficção: literatura encarada como realidade e realidade lida como se fosse literatura.

Partindo para o esboço das últimas gerações, a primeira questão a ser abordada será a ruptura com o ciclo nacional da literatura brasileira. Os autores, já na década de 80, estão desencarregados de cumprir uma meta com a literatura nacional e passam a ter como interesse o núcleo urbano. Essa preferência é explicada pelo grande desenvolvimento demográfico do país – na década de 60 já era possível perceber indícios de uma prosa urbana mais ligada à realidade das cidades. Na década de 70, deparamo-nos com a opção do conto curto e é nesse sentido que afirmamos a existência de um realismo, os escritores procuram por uma resposta à situação social e política do regime da época e transformam seu tema, sua linguagem, seu estilo e sua forma de

¹Graduanda em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Email: gracielleapolinario@hotmail.com.

²Doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). Email: lacerdasl@gmail.com.

expressão. Encontramo-nos diante do realismo histórico que possui um compromisso com um tema, no caso o autoritarismo e as experiências urbanas vivenciadas por muitos.

Identificamos também nessa época, a denominada “literatura do eu”, representada por escritores que produzem uma prosa mais existencial e intimista como a de Clarice Lispector. A escrita psicológica ganha espaço com o retorno da democracia, configurando a subjetividade em crise do sujeito. Outra vertente identificada é a voltada para o brutalismo que coloca a realidade marginal à vista. Assim, estamos diante de uma literatura realista e urbana, uma que trata da violência e outra que trata do sujeito, ambas como temas da renovação nacional. Percebe-se, com toda essa mudança de cenário, que a modernidade não é mais o lugar para as narrações de grandes ações e sim o lugar para a expressão do mal-estar do sujeito e do empobrecimento das experiências vividas por ele.

Mesmo diante desse novo cenário que se apresenta, das mudanças no campo da linguagem e da forma de se escrever, encontramos nos escritores desse período traços de canonização em relação às décadas passadas. O que acontece é o surgimento de uma nova narrativa atrelada a sentimentos já existentes. Os autores contemporâneos consideram necessária a continuação de temas já tratados antes, mas sob uma nova perspectiva e forma. Surgem novas formas narrativas: algumas obras se abrem para as técnicas de cinema, configurando uma narrativa, digamos, “cinematográfica”; outras trazem os bastidores para a cena do livro, causando uma inquietação no leitor; outras, ainda, abusam do hiper-realismo que usa o signo como realidade e destacam-se por uma repetição alienante que demonstra existir por trás do aspecto banal do cotidiano uma violência inumana. Surge, também, o miniconto, que visa descrever a realidade com impacto maior, formando uma ponte ficcional entre poema e prosa. O regionalismo também não é deixado de lado e passa a ser utilizado como alegoria para a realidade nacional moderna.

O novo realismo não está ligado às formas técnicas de antes, tampouco à verossimilhança descritiva e à objetividade narrativa. Ele se apresenta como um meio de retratar a realidade atual da nossa sociedade através de pontos de vista marginais e periféricos. O livro para essa tarefa já não é o produto final, mas o meio, pois ocorre uma penetração nessa realidade relatada em diferentes níveis, como em um trabalho

cinematográfico. Assim como o novo realismo sofreu modificações, o novo regionalismo também passou por esse processo, ele aparece não ligado aos formatos tradicionais do século XIX. Na maioria das vezes, o autor regionalista abre mão do interesse pelos costumes e pela tradição para narrar a tensão entre campo e cidade e assim se propõe a escrever um romance regionalista comprometido com a realidade social de acordo com os formatos e a linguagem contemporânea. É nesse sentido que mencionamos a canonização; ela ocorre sim, mas é permeada por mudanças necessárias que o tempo e o contexto social exigem. Encontramos-nos diante de mudanças e percebemos um hibridismo entre as várias formas literárias – por tal razão não se pode mais afirmar a existência de um molde como os já existentes em outras épocas.

A literatura marginal apresenta um intenso diálogo com as novas formas de realismo – realidade atual brasileira como foco principal –, mas não abre mão do aspecto comercial. Esse é um dos motivos pelos quais se afirma que a geração de 90 foi um golpe publicitário bem armado. Através da imposição mercadológica do que seria considerada uma espécie de “não-literatura”, a cultura periférica se impõe através do mercado e conquista espaço para que ela mesma conte as suas histórias e não necessite de porta-vozes – pode-se então observar a demanda do real na literatura.

Nas palavras do autor, a geração de 90 caracteriza-se por não possuir “nenhuma tendência clara que unifique todos, e nenhum movimento programático com o qual o escritor estreante se identifique” (SCHOLLHAMMER, 2009, p.35). A heterogeneidade é que parece unir a todos, além do foco voltado para a sociedade e cultura contemporâneas, para a história atual que é usada como cenário e contexto. O autor afirma isso por encontrar nessa geração características diferenciadas; porém duas delas se impõem: o apego às novas tecnologias e formas de comunicação e a retomada de exemplos da década de 70. Podemos citar como inerentes a essa geração a inserção do miniconto e o novo regionalismo.

Já caminhando para a geração que sucede a de 90, a geração 2000, alguns autores optam pela escrita da autoencenação autoral, outros por estratégias da utilização de bolsas e viagens como forma de financiamento para livros de escritores iniciantes, outros trazem para o texto a autobiografia ou até mesmo diários e memórias. O que encontramos, portanto, é um deslocamento da perspectiva. Esse deslocamento é responsável direto pela heterogeneidade dos textos, mas também é possível perceber,

aqui, algo em comum: a necessidade de tratar da história da sociedade atual e do modo como o homem se insere nela.

Diante do esboço que estamos propondo, também é viável tratar de alguns perigos encontrados na ficção. A metaficção, como já citada anteriormente, mescla realidade e literatura e, às vezes, a tal ponto em que já não se sabe qual é qual. Isso na geração contemporânea se apresenta de forma fértil - sabemos que nada se cria do zero, tudo está em eterno confronto ou reescritura, o grande problema é saber como fazê-lo, como transgredir a literatura para realizar algo novo que não seja considerado redundante.

Mais uma vez as palavras do autor:

[...] chegamos talvez ao traço que melhor caracteriza a literatura da última década: o convívio entre a continuação de elementos específicos, que teriam emergido nas décadas anteriores, e uma retomada inovadora de certas formas e temas da década de 1970. (SCHOLLHAMMER, 2009, p.36).

Apesar disso, é importante destacar que na década de 90 percebemos uma rejeição maior à tradição e uma recuperação consciente do foco urbano que se apresentava. Já na geração 2000, não identificamos consciência de sua preferência, mas sim um ecletismo que cruza todas as fronteiras.

Na geração 2000 nos deparamos novamente com o detalhismo do hiper-realismo, com uma escrita que materializa novamente a loucura, trazendo, novamente, para o foco a profundidade psicológica, a introspecção, a construção fabular e até mesmo um olhar jornalístico para a marginalidade presente nos tempos atuais.

Diante dos estudos de Karl Erick Schollhammer, podemos perceber características que aproximam os autores contemporâneos, como o interesse pelo regionalismo, pelo realismo, pelo intimismo existencial e psicológico, pelo experimentalismo lingüístico e pela metaliteratura. No entanto, devemos, sempre, destacar a existência de um grupo heterogêneo que não se pretendeu homogêneo em momento algum, justamente por apresentar características que são, evidentemente, diferenciadas.

REFERÊNCIA

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.